

APRESENTAÇÃO

Tradições inventadas: intelectuais, identidades políticas e usos públicos do passado na América Latina (séculos XIX-XXI)

Invented Traditions: Intellectuals, Political Identities, and the Public Uses of the Past in Latin America (19th-21st Centuries)

Jocelito Zalla*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil

Matías Emiliano Casas**

Universidad Nacional de Tres de Febrero, Buenos Aires, Argentina

Há mais de 40 anos, em 1983, para sermos precisos, foi publicada no Reino Unido a famosa coletânea *The Invention of Traditions*, organizada pelos historiadores Eric Hobsbawm e Terence Ranger. Fruto de uma conferência promovida pela revista *Past and Present*, a obra reúne trabalhos de seis historiadores que exploram a criação de artefatos simbólicos e rituais, supostamente imemoriais, em territórios sob o domínio do Império Britânico no final do século XIX, abrangendo Europa, África e Ásia.

Embora o texto de Hugh Trevor-Roper, que desmistificou a origem do famoso kilt xadrez escocês, tenha causado especial impacto, foi a introdução teórica de Hobsbawm que mais chamou a atenção, tanto entre especialistas quanto entre o público geral interessado na historiografia profissional. Ao iluminar práticas formalizadas para “inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição” (Hobsbawm, 2002, p. 9) – práticas diferentes dos hábitos e costumes tradicionais e de temporalidade muito mais recente do que sua autorrepresentação fazia crer –, a noção de “tradição inventada” ganhou destaque. Apesar de não ser consensual, o conceito adquiriu relevância acadêmica ao lado de termos contemporâneos, como “comunidade imaginada” (cunhado por Benedict Anderson em obra lançada no mesmo ano), que também abordavam a construção de identidades políticas nacionais e regionais.

*E-mail: jocelito.zalla@ufrgs.br

<https://orcid.org/0000-0003-2614-0581>

**E-mail: mecasas@untref.edu.ar

<https://orcid.org/0000-0002-0988-5496>

Na Argentina, terra natal de um dos organizadores deste dossiê, a recepção do livro e da proposição de Hobsbawm foi tardia. Como explica Juan Suriano, a conjuntura política do país interferiu significativamente não apenas na circulação dos trabalhos do famoso historiador marxista britânico, mas também na formação de um campo acadêmico capaz de incorporar essas novidades historiográficas. A recuperação da democracia em 1983 abriu espaço para a recepção plena de seus trabalhos no meio universitário, que inicialmente pareceu priorizar outros títulos importantes de Hobsbawm (Suriano, 2017). Contudo, o impacto do conceito de “tradição inventada” entre especialistas de língua espanhola já era perceptível antes da tradução integral do texto em 2002. Na Espanha, por exemplo, em meados da década de 1990, diversos estudos já analisavam a invenção de tradições sob uma perspectiva regional. Na América Latina, sua influência também se propagou rapidamente: no Uruguai, a introdução traduzida de Hobsbawm foi publicada em 1990, e, na Colômbia, a categoria de “tradição inventada” foi debatida no contexto do final do século XX.

No Brasil, em contraste, a primeira edição nacional da obra foi lançada em 1984. No ano seguinte, um intelectual dedicado à invenção de tradições recorreu a Hobsbawm para justificar, por meio de paralelismos, sua experiência “folclorista” dos anos 1950 (Lessa, 1985) – uma apropriação inesperada, mas que demonstra o potencial descritivo da categoria. Em tempo, o conceito também foi amplamente adotado na academia. Embora inventariar seus múltiplos usos seja uma tarefa monumental que escapa ao escopo desta breve apresentação, vale destacar que, ao menos nas duas primeiras décadas de recepção, os estudos mais influentes inspirados pela proposta de Hobsbawm e Ranger concentraram-se em contextos geopolíticos periféricos (o que mereceria uma reflexão específica). Entre esses, destacam-se as análises pioneiras de Sandra Pesavento sobre a “invenção da sociedade gaúcha” (1993) e a interpretação de Durval Muniz de Albuquerque Júnior sobre a “invenção do Nordeste” (1999); esta última, ainda que influenciada pela perspectiva foucaultiana, mantém diálogos com o construtivismo social de Hobsbawm. Também merece menção a pesquisa de Celso Castro sobre a “invenção do exército” (2002), que exemplifica a circulação do conceito entre cientistas sociais no Brasil.

Esse breve relato da aderência da categoria à cena intelectual latino-americana nos faz pensar sobre os processos que ela pode descrever. Como no Império Britânico, desde o século XIX a América Ibérica tem sido palco de “invenção de tradições”, em movimentos frequentemente associados à consolidação dos Estados-Nação. Esses processos resultaram na criação de narrativas heroicas e atemporais que buscavam conferir coesão e identidade a unidades políticas recém-formadas. À medida que governos implementaram projetos de modernização ou que regiões periféricas eram integradas à economia capitalista internacional, as mitologias políticas originais ganharam novas formas e significados. Muitas vezes, tais narrativas envolviam a dramatização de um passado imaginado, formalizado em rituais promovidos por intelectuais e apresentados como representações autênticas da cultura popular.

Além disso, emergiram movimentos coletivos e instituições que mobilizam práticas letradas consolidadas ou disciplinas em desenvolvimento para reinterpretar o passado, definir a nação ou caracterizar regiões específicas. Entre essas áreas de atuação destacam-se a literatura, a história, a geografia, o folclore, as artes visuais e as humanidades de modo geral. Esses esforços compartilharam características recorrentes, como: a valorização do campo como espaço de preservação de um passado autêntico, em oposição à modernidade urbana; a resistência conservadora a mudanças sociais percebidas como ameaças à tradição; o empenho em salvaguardar práticas culturais vistas como em extinção; a construção de geografias imaginárias que refletiam e complementam fronteiras físicas e políticas; e a incorporação de iniciativas locais a estratégias globais de invenção cultural, influenciadas pela economia internacional de bens simbólicos.

Neste contexto, os intelectuais desempenharam um papel central na construção de identidades culturais, utilizando o passado como ferramenta de legitimação. Eles não apenas forjaram tradições e mitos políticos, mas também influenciaram a formação de estereótipos nacionais e regionais que continuam a moldar a memória coletiva e as narrativas históricas. A proposta deste dossiê foi reunir trabalhos de pesquisa histórica recente que examinam esses fenômenos à luz da história sociocultural e transnacional, investigando como a circulação de ideias, práticas e representações contribuiu para a manipulação do passado na América Latina e, conseqüentemente, para a construção de identidades culturais e políticas na região.

O trabalho que abre o dossiê, intitulado “Ángel Rama e o papel do intelectual na formação da cultura”, aborda a transformação no entendimento de Ángel Rama sobre o papel dos intelectuais na América Latina entre as décadas de 1970 e 1980. Com base nas obras *Transculturación narrativa en América Latina* e *La ciudad letrada*, Pedro Demenech analisa como a perspectiva de Rama evoluiu de uma visão positiva, que atribuía aos intelectuais a função de regeneradores culturais, para uma abordagem crítica, que os associa à reprodução de formas de dominação. O estudo considera tanto fatores externos, como o exílio, quanto aspectos internos, incluindo diálogos e referências mobilizados por Rama em seus textos.

Na sequência, Carolina Faria Gomes analisa o tratamento dado pelo Estado chileno ao povo originário mapuche, destacando a ausência de reconhecimento das diversas identidades étnicas no país e a busca por uma sociedade homogênea. A autora enfoca as organizações *Consejo de Todas las Tierras* (CTT) e *Coordinadora Arauco Malleco* (CAM) como protagonistas na resistência indígena, defendendo a autonomia como forma de preservação cultural e territorial. A pesquisa investiga o uso da memória coletiva por essas organizações como ferramenta para a reconstrução da tradição e a legitimação da demanda por autonomia.

A seguir, Cássia Daiane Macedo da Silveira discute a transformação dos significados atribuídos à Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, desde sua criação na década de 1870 até o início da década de 1920. A pesquisa se baseia em correspondências da instituição entre 1872 e 1877 e em um artigo publicado no jornal *A Federação*. A autora aborda, assim, o processo de monumentalização da biblioteca e seus usos políticos, alinhados ao novo contexto republicano e à construção de uma política oficial de memória.

Em seu artigo, Fernanda Oliveira da Silva investiga a demanda de grupos negros no Uruguai para que cada cidade tivesse uma rua com o nome de Ansina, reconhecido como o prócer negro da independência. A autora analisa a questão da liberdade negra no contexto do pós-abolição, levando em conta o centenário da independência (1930) e da abolição da escravidão (1942), durante a II Guerra Mundial. Utilizando fontes da imprensa negra, como *Acción e Orientación*, o estudo revela como, na primeira metade do século XX, se consolidou uma identidade política negra e uruguaia, em um movimento contra-histórico de ressignificação do passado.

Matías Emiliano Casas examina como a figura do gaúcho se consolidou como um símbolo central da identidade nacional argentina no século XX, impulsionada por grupos tradicionalistas e crioulos. Esses grupos, ao estabelecerem-se como defensores da cultura gaúcha, produziram narrativas históricas que colocaram os gaúchos no centro dos eventos mais importantes do país. A pesquisa explora como os tradicionalistas interagiram com a história acadêmica, desafiando historiadores e desacreditando estudos históricos que contestavam suas visões sobre o passado, utilizando fontes como publicações de Emilio Coni e Enrique de Gandía, e documentos de grupos como a Confederação Gaúcha Argentina.

Jaime Antonio Peire, a seguir, investiga a construção do criollismo como tradição nacional na Argentina, focando em sua formação no final do período colonial. O estudo analisa as emoções identitárias expressas nas fontes líricas, dramáticas e outras, destacando como o criollismo foi articulado e modulado no contexto histórico de sua ascensão. A pesquisa busca compreender as raízes dessa identidade e seu papel na construção da cultura nacional argentina nos séculos XIX e XX.

Encerrando o dossiê, o artigo de Thiago Braga Teles da Rocha analisa a construção do tempo histórico na cidade de Sobral (Ceará) a partir da escrita dos sacerdotes, com ênfase na *Cronologia sobralense*, de Francisco Sadoc de Araújo. A pesquisa explora como esse texto ajudou a criar um senso de tradição e identidade entre os habitantes da cidade. Através da análise de eventos representados nas obras dos padres, o estudo conclui que a historiografia desempenha um papel fundamental na formação de um imaginário coletivo e na construção de identidades locais.

Como demonstrado pela quantidade e pela qualidade dos trabalhos das pesquisadoras e dos pesquisadores que atenderam à chamada deste dossiê, podemos falar em uma crescente produção de investigações sobre o papel de intelectuais na construção de identidades políticas e culturais na América Latina, tema amplamente explorado desde as últimas décadas do século XX e recentemente renovado com novas abordagens teóricas. A proposta deste dossiê foi mapear e divulgar essas investigações, promovendo o intercâmbio de ideias por meio da comparação de processos nacionais e regionais. A trajetória de debates que gerou este dossiê é fruto de simpósios e congressos coordenados pelos organizadores na Argentina, no Brasil e na Europa, e se consolida agora na criação da Rede de Estudos Históricos sobre Folclore e Tradições Culturais na América Latina (RedFolk). Acreditamos que a publicação deste dossiê na revista *Anos 90* configura uma boa oportunidade para ampliar as discussões acadêmicas e atrair interesse de mais historiadoras e historiadores latino-americanos e europeus para o tema, além de abrir espaço para novos estudos ainda não mapeados.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 1999.
- HOBSBAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In.: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. 3a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 9-23.
- LESSA, Luiz Carlos Barbosa. *Nativismo: um fenômeno social gaúcho*. Porto Alegre: L&PM, 1985.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. A invenção da sociedade gaúcha. *Ensaio FEE*, v. 14, n. 2, p. 386-396, 1993.
- SURIANO, Juan. Algunos aspectos de la recepción de la obra de Hobsbawm en la Argentina. In: MONACO, César (org.). *Historia y política*. Seis ensayos sobre Eric Hobsbawm. Los Polvorines: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2017.